

Vinhetas musicais na escola: tempos e espaços da música na rotina escolar, pelo olhar das professoras e das crianças

GTE 10 – Educação Musical na Infância

Comunicação

Amanda Linhares Mendonça
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
amandalinharesm2@gmail.com

Luiz Fernando Soczek
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
luizfernando.soczek@gmail.com

Rodrigo Amaral Canozi
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
canozirodrigo@gmail.com

Tiago Madalozzo
Universidade Estadual do Paraná - campus de Curitiba II
tiago.madalozzo@unespar.edu.br

Resumo: Nesta pesquisa, investigamos as manifestações das crianças em diferentes tempos e espaços da rotina escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na cidade de Curitiba-PR. Nosso objetivo é discutir o lugar da música no cotidiano da escola, a partir de “vinhetas musicais” (ROMANELLI, 2009a): diferentes modos de expressão musical das crianças, seja individual ou coletivamente, ou com os adultos. Partimos de estudos anteriores (MENDONÇA et al., 2020; CANOZI; MADALOZZO, 2020; MENDONÇA; MADALOZZO, 2020) para resgatar elementos teóricos sobre o olhar do investigador e o olhar do professor que atua com a infância; além disso, trazemos uma segunda fonte de dados: entrevistas com professoras atuantes no ensino de Arte. Chegamos então à discussão de dados que coletamos após o retorno à rotina presencial na escola no tempo da pandemia, destacando a fala das crianças a partir da condução de rodas de conversa. A partir do cruzamento das três fontes de dados, apresentamos pontos de tensionamento: a inserção da música na rotina escolar determinada pelos adultos; a presença da música na vida das crianças no contraturno escolar; a aula de Arte como momento ideal de expressividade e liberdade de criação; o claro entendimento das crianças do tipo de música que “cabe” na escola. Ao final, apontamos questionamentos para reflexões sobre o tema.

Palavras-chave: educação musical, ensino fundamental, música e infância.

Introdução

Este relato faz parte de uma investigação iniciada em 2019 junto a unidades escolares em Curitiba-PR, que busca pesquisar a produção musical das crianças em diferentes tempos e

espaços da rotina escolar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O objetivo é problematizar o lugar da música na escola, em suas diversas manifestações, refletindo a presença da música no cotidiano escolar¹.

Partimos do pressuposto de que a música ocupa diferentes espaços dentro da escola e na vida das crianças, o que resumimos na expressão “vinhetas musicais”, conforme sugerida por Romanelli (2009a; 2009b). O autor examina as manifestações musicais das crianças na escola e divide suas expressões musicais entre as individuais, as coletivas entre pares, e aquelas relacionadas com os adultos (ROMANELLI, 2009a). Neste estudo, partimos do conceito para buscar tais tipos de manifestações.

Em estudos anteriores (MENDONÇA et al., 2020; CANOZI; MADALOZZO, 2020; MENDONÇA; MADALOZZO, 2020), não foi possível a ida ao campo empírico para coleta de dados nas escolas em função do período de isolamento social na pandemia da covid-19 que determinou a suspensão de atividades presenciais. No entanto, chegamos a um corpo de dados e questionamentos a partir de entrevistas com professoras atuantes com esta faixa etária. Já neste relato, incluímos a fala das crianças, a partir de rodas de conversa oportunizadas a partir do retorno das aulas.

A pesquisa lança mão de três fontes de dados: conceitos e fundamentos bibliográficos; entrevistas realizadas com professoras de Arte; e rodas de conversa realizadas com turmas de crianças matriculadas nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.

A partir das convergências e distanciamentos entre estas fontes de dados, ao final discutimos pontos de tensionamento que ficam evidentes nas análises propostas, e apontamos implicações para a pesquisa e o ensino da música na escola.

Ponto de partida: a pesquisa com infância e com música na escola

Iniciamos com aspectos da pesquisa com infância na escola para então chegar a elementos relacionados com a música. O objetivo é elencar conceitos a respeito de o que consideramos que seja um *olhar do investigador* da música e da infância na escola.

¹ Este trabalho está vinculado à investigação do professor Tiago Madalozzo, do curso de Licenciatura em Música da Unespar/Curitiba II, e elaborado a partir das pesquisas de Iniciação Científica dos estudantes Amanda Mendonça, Luiz Fernando Soczek e Rodrigo Canozzi no período de agosto de 2019 a agosto de 2020; e de Rodrigo Canozzi no período de agosto de 2020 a agosto de 2021, financiada com bolsa de pesquisa da Fundação Araucária, no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Unespar.

Muitos fatores históricos ajudaram a construir uma visão de inferioridade e marginalidade em relação às crianças, como aponta Ferreira (2004). Esta característica fica especialmente visível a partir da definição de infância trazida pela Psicologia, que consideraria as crianças como incapazes e dependentes ao priorizar as dimensões do corpo físico e as características mais homogêneas (físicas, morais, psicológicas, afetivas) e desconsiderar aspectos sociais e culturais, assim como a heterogeneidade biossocial das crianças, ligada a questões de gênero, etnia, classe social, pendendo cada vez mais para uma definição etária (FERREIRA, 2004, p. 12-13). Para a autora, as crianças são seres políticos capazes de interagir com o meio social, construir relações, e serem influenciadas por essas questões, tanto quanto os adultos.

Da mesma forma, Marchi defende uma pesquisa com crianças em que elas sejam de fato participantes ativas e não apenas objetos de pesquisa. Segundo ela, é necessário “dar voz” às crianças e ouvir o que elas têm a dizer sobre suas experiências, já que são o foco da pesquisa. Para isso, o pesquisador precisa estar atento às diferentes formas de expressão das crianças (MARCHI, 2018, p. 728-729).

Esta discussão diz respeito à ética na pesquisa com crianças, admitindo, por exemplo, que elas devam ser consultadas sobre sua participação, e devam posteriormente conhecer os resultados do trabalho de pesquisa realizado. São questões que partem de uma análise ampla a respeito do sentido do “dar voz”. Sobre isso, retornamos a Marchi ao afirmar que “dar voz” é “reconhecer a existência de diferentes vozes presentes no campo da pesquisa”; e ainda, que a “voz” não é apenas verbal, “devendo o pesquisador se abrir para a escuta e a observação das suas diversas formas de expressão” (MARCHI, 2018, p.729), o que faz sentido no estudo das manifestações musicais das crianças, que envolvem múltiplos modos de expressão corporal: dança, dramatização, canto, gestual, movimento corporal etc., como modos de significação artística do mundo pela criança.

Scarpellini (2013, p.42) menciona a observação participante como estratégia de obtenção de dados na pesquisa etnográfica escolar, evidenciando a visão do observador, que não é neutra ou imparcial, “pois o pesquisador constrói sua versão do mundo que o cerca” e assim, “vê o que lhe interessa ver” (SCARPELLINI 2013, p. 42). Por isso, na observação e na etapa de organização e análise das informações coletadas no campo de pesquisa, tanto Romanelli (2009a) quanto Scarpellini defendem padrões de organização em uma análise minuciosa do conteúdo coletado. Para isso, são indicadas divisões por temáticas e

subtemáticas relevantes para a pesquisa, com a posterior criação de categorias de análise para agrupar situações com características comuns.

A partir da definição deste *olhar do investigador* sobre as pesquisas na infância, a partir dos temas que julgamos relevantes ao nortear o estudo com as crianças, nosso ponto de chegada é a reflexão que fazemos sobre o *olhar do professor*. Admitimos que as considerações trazidas na análise do *olha do investigador* têm impacto direto na maneira como os *professores* veem a ocorrência de manifestações musicais das crianças na escola (MENDONÇA ET AL., 2020). Em outras palavras, falar em participação e voz das crianças pelo olhar da pesquisa, traz subsídios para se pensar a prática pedagógica na escola: nos dois casos, se trata de uma busca constante por demonstrar a realidade e a autenticidade das expressões infantis, seja na pesquisa ou na escola.

É deste modo que partimos para o detalhamento das demais fontes de dados: as vozes das professoras e, finalmente, das crianças.

Metodologia

Para este relato, além dos dados da análise teórica, resgatamos aspectos identificados na fala de três professoras de Arte com experiência de atuação na Rede Municipal de Curitiba, em entrevistas realizadas por meio de videoconferências na plataforma *online* Google Meet, em agosto de 2020, e detalhadas em Mendonça et al. (2020). Segundo Gil (2008), a entrevista é uma técnica de obtenção de dados, como uma “conversa a dois” com um propósito definido, que pode ser estruturada ou não estruturada; no caso da última, a entrevista segue um formato aberto, sem perguntas fechadas previamente formuladas. No caso das entrevistas aqui resgatadas, partiu-se de um roteiro não estruturado para se levantar pontos como o lugar da música na escola, as interações entre pares das crianças durante suas manifestações musicais, as influências do mundo adulto nestas manifestações, e o lugar da música no recreio escolar (MENDONÇA ET AL., 2020).

Incluímos neste texto aspectos de uma nova rodada de questionamentos, desta vez, realizados com crianças entre seis e nove de idade, matriculadas em quatro turmas de primeira (uma turma), segunda (uma turma) e terceira séries (duas turmas) do Ensino Fundamental em uma escola em Curitiba-PR, por meio de rodas de conversa em videoconferência na plataforma *online* Google Meet, em julho de 2021. Neste caso, as crianças e a professora de música estavam na Sala de Música na escola durante as rodas, que tiveram

duração de 15 minutos, enquanto a comunicação com o pesquisador se deu por meio da interface de um computador ligado a um projetor na escola, de modo a preservar as questões sanitárias para oportunizar a realização da pesquisa.

Sobre a pesquisa *online* com música na infância, Culp e Robison (2020, p.158) entendem que é possível investigar a vida musical das crianças de maneira cuidadosa e significativa com os métodos de pesquisa *off-line*, híbridos e *online*: a tecnologia pode oferecer oportunidades para compreender o engajamento musical das crianças e reunir suas contribuições de diferentes maneiras. Se trata de uma reavaliação de métodos para dar continuidade às pesquisas com crianças durante o período da pandemia, e ainda, para desenvolver um olhar atento a tudo o que as crianças criam musicalmente (CULP; ROBISON, 2020, p.158).

Os autores admitem a necessidade de se pensar na participação ativa das crianças durante o processo de pesquisa, de forma que elas possam agir como coparticipantes (CULP, ROBISON, 2020). Durante as conversas com as crianças, foram levadas em conta notas sobre questões éticas a respeito dos procedimentos de pesquisa e de divulgação de dados em ambiente remoto pelos pesquisadores, conforme apontadas por Culp e Robison. Embora utilizemos o termo “roda de conversa”, os encontros com as crianças se deram a partir da mesma perspectiva de entrevista não estruturada, mas neste caso, realizada em grupo, em um espaço familiar às crianças na escola.

Dados obtidos

Apresentamos a seguir os dados coletados nas entrevistas com as professoras e nas rodas de conversa com as crianças.

Entrevistas com as professoras

A fala das três professoras, registrada em Mendonça et al. (2020), Canozzi e Madalozzo (2020) e Mendonça e Madalozzo (2020) trazem temas emergentes, que resgatamos e resumimos:

1 As vivências musicais das crianças com maior destaque acontecem no momento da chegada à escola, de alguma atividade específica como a própria hora do recreio, nos momentos de lazer, na aula de Arte, e na hora da saída da escola. Estes dados apontam que existem de fato diferentes tempos e espaços para a música na escola.

2 Práticas artísticas de contraturno escolar servem como forma de socialização e interação musical, nas quais as crianças podem escolher participar por vontade própria. As crianças participantes acabam por apresentar uma desenvoltura musical maior do que as outras, em função de sua liberdade de expressão – o que na verdade, segundo as professoras, seria o ideal para todos os processos criativos na escola.

3 O recreio não inclui apenas as interações entre as crianças, mas também a disposição de muitas vezes elas próprias procurarem as professoras para levarem instrumentos musicais ou objetos sonoros para tocar. O recreio é de fato um espaço privilegiado para o estudo da cultura infantil, definido como um espaço sociocultural em que aparecem de maneira imbricada a cultura infantil e a cultura escolar (CRUZ, 2012).

4 A sala de aula, diferente do contraturno e do recreio, de certa forma “imobiliza” corporalmente as crianças, à exceção de aulas como as de Educação Física e de Arte, que são momentos de maior possibilidade de expressão para as crianças.

5 A Arte tem o potencial de quebrar esta postura imóvel e rígida, na medida em que por meio dela a criança tem consciência da necessidade de espaço para se expressar, e de forma coletiva. É por meio da aula de Arte que as crianças têm acesso a um conhecimento especializado, diferente do que é apresentado em outros momentos da rotina escolar. Assim como discutimos em Mendonça et al. (2020, p.12), a aula de arte é um “disparador” de ideias e de expressões musicais que aponta para todos os outros tempos e espaços da música na escola; e estes se configuram como diferentes oportunidades de contato e de engajamento das crianças com a música.

6 As professoras destacam a carência na formação do professor de Arte no desenvolvimento de um olhar para a expressão musical das crianças. Percebendo a presença e abrindo os olhos e os ouvidos para as produções musicais na escola, “podemos refletir sobre a relevância da arte como ferramenta de transformação do micro para o macro; desde a ação, percepção e socialização das crianças” e para “possibilitar o desenvolvimento do gosto, da compreensão e do interesse pela arte” (MENDONÇA; MADALOZZO, 2020, p.139).

Estes temas emergentes são resgatados a partir de nosso percurso investigativo, e apontam temas que foram levados em conta para guiar o desenvolvimento das rodas de conversa com as crianças. A fala das professoras permite admitir que há, sim, diferentes tempos e espaços para a música na escola; que a música extrapola o que é apresentado na

aula de Arte; que não há tanto espaço de liberdade criativa e musical nas práticas realizadas na sala de aula; e que o recreio é repleto de música. Sobre isso, o que dizem as crianças?

Rodas de conversa com as crianças

As entrevistas com os grupos de crianças foram mediadas pela professora de música, na Sala de Música, presencialmente. Foram quatro sessões, realizadas por dois pesquisadores diferentes a partir do mesmo roteiro. No início, os pesquisadores se apresentaram, informando suas ocupações, e que instrumentos musicais tocam. Enquanto dirigiam as perguntas para a turma, a professora interagiu e fomentava a participação das crianças.

Em seguida, houve a solicitação para participação, para registro e para divulgação da fala das crianças da turma para “adultos que querem saber mais sobre elas”. Com aceno positivo para estes três aspectos, as entrevistas foram iniciadas. O áudio das sessões, sem vídeo, foi gravado como recurso para transcrição posterior dos dados.

Os assuntos foram endereçados às crianças em forma de questionamentos, e quem quisesse poderia responder. Diversos assuntos foram levantados com as crianças, a partir de dois: se há, e onde está, a música na escola; e que tipo de música as crianças gostam de ouvir. Do primeiro eixo, detalhamos os locais, os momentos e as pessoas envolvidas nas expressões musicais que “soam” na escola; do segundo eixo, detalhamos se as músicas de que as crianças gostam de fato são “tocadas” também na escola. Exemplos de questionamentos foram: “Vocês fazem música na escola? Em que locais vocês ouvem ou fazem música na escola? Os professores fazem música com vocês na escola? De que tipos de música vocês gostam? Vocês ouvem música deste tipo (das que gostam) na escola? Tem algum tipo de música que não toca ou se canta na escola de jeito nenhum?”.

As crianças responderam de acordo com a organização que foi possível das falas, em virtude da utilização do computador como interface; e considerando que se tratava da semana de volta às aulas na escola, as crianças pareceram ter muita vontade de participar da atividade, o que foi demonstrado pelas perguntas feitas *pelas* crianças para os entrevistadores ao longo das sessões.

A respeito da presença da música na escola, respostas dadas foram: ouvimos música na sala de aula (sala de referência) por vídeo, cantamos músicas de aniversário, em festas, músicas de boas-vindas, músicas de saídas, atividades musicais no recreio; a música aparece na aula de Música, na aula de Educação Física quando há o preparativo para festas escolares,

na aula de Inglês ocasionalmente, e em mais nenhuma das outras aulas. A música está presente na chegada à escola (música que a professora caracterizou como “clássica”, no início da rotina escolar), nos sinais de início e de final do recreio, e no momento do relaxamento após o retorno à sala.

A música aparece presente na sala de música, na sala de referência, nos espaços comuns durante as festas escolares (as crianças destacaram a Festa Junina, única realizada neste ano desde o retorno das atividades presenciais), na sala de yoga (que é usada como segunda sala de música, segundo as crianças), e também no local do recreio, em que há um piano disponível para uso; ainda assim, ao perguntarmos se tocavam o piano, as crianças responderam que os “mais velhos” não as deixam tocar, argumentando que “não sabem tocar direito” – uma das crianças da terceira série foi enfática: “ele [o piano] não pode ser tocado”.

Quando o tipo de música de que gostam, muitas das crianças responderam: “gosto de todas as músicas”. Músicas ou estilos específicos citados estiveram entre rock (de forma geral, tendo sido mencionadas bandas como Kiss e The Beatles), Michael Jackson, Luan Santana, Olivia Rodrigues, pop, jazz, “músicas do TikTok”, funk, “música de Halloween”, “música com som de cachoeira”, “Alecrim dourado” e outras cantigas, música de filme (“Bela e a fera”) e de jogo de videogame (a trilha “Megalovania” do jogo de RPG eletrônico Undertale).

As crianças admitiram que ouvem diferentes tipos de música na escola. Uma das crianças da primeira série afirmou que ouve “muitos tipos de música na aula de música”, mas não soube pontuar um específico. Ao serem questionadas se ouvem os estilos musicais de que gostam na escola, uma das crianças da terceira série respondeu: “Eu sou alguém que respeita os outros”, referindo-se a ouvir o que os colegas gostam.

No entanto, a questão sobre haver algum tipo de música que *não* se ouve na escola suscitou comentários variados. Alguns estilos musicais foram considerados pelas crianças como “inadequados” na escola, tais como o funk e o rap. Duas crianças da terceira série afirmaram: “Eu acho que nunca tocaria samba”, e “Eu acho que não tocaria funk nem rap aqui na escola”. As crianças foram unânimes em dizer que nem todas as músicas que eles apreciam tocam na escola.

Ao final das entrevistas houve ainda manifestações musicais: em uma das turmas, as crianças cantaram uma canção arregimentada pela professora presente; em outra, uma das crianças veio à frente da tela do computador e perguntou se poderia cantar a cantiga “Alecrim

dourado” para o pesquisador, para o que recebeu aceno positivo, fazendo uma performance para os ouvidos atentos também dos colegas.

Discussão e considerações

As entrevistas com as crianças, esperadas pelos pesquisadores após mais de um ano sem atividades em grupo presenciais na escola, trouxe uma multiplicidade de dados a serem discutidos à luz da teoria e das questões pontuadas pelas professoras; mais do que isso, nos levaram a uma reflexão sobre como as crianças gostam de músicas em comum, confirmando que existe uma musicalidade presente em seus lares que chega invariavelmente à escola.

Impressões iniciais das conversas com as crianças

Um fato que chamou nossa atenção foi o de uma turma inteira entrevistar o *pesquisador* antes do início da entrevista em si *das crianças*, com perguntas diversas sobre a vida pessoal e musical. Ficou perceptível ainda um grande interesse musical nas turmas: uma quantidade muito considerável (cerca de um terço das crianças em cada turma) comentou que fazia aulas de instrumentos musicais, na escola ou em outro local.

Os termos utilizados pelas crianças foram coerentes com os estilos musicais a que queriam se referir. Expressões como “música de DJ, música eletrônica, música de skatista” nos fizeram enxergar a compreensão de cada criança sobre determinado estilo musical ou música, verbalizando aquilo que entendem sobre os diferentes estilos musicais.

É fundamental registrar a importância de pesquisadores em educação musical na infância terem a oportunidade de conversas como estas com as crianças: estar disposto a ouvi-las, pois no âmbito musical elas têm muito a dizer e a nos ensinar².

O que podemos dizer a partir do cruzamento de dados: pontos de tensionamento e implicações

A partir de o que foi apontado nas três seções deste trabalho – o embasamento teórico, as entrevistas com as professoras e as vozes das crianças na escola –, trazemos pontos

² Sobre isso, entendemos que foi de fato viável um ensaio ao “dar voz” às crianças, mesmo que dadas as limitações no relacionamento entre elas e os pesquisadores; mas o tema não se esgota, assim como as possibilidades de diálogo: o próximo passo da pesquisa é organizar a devolutiva dos resultados da pesquisa para apresentação às crianças na escola, de maneira a atuarmos de forma coerente com os fundamentos metodológicos da pesquisa.

de tensionamento a fim de discutir os dados obtidos. Retomamos o pressuposto apontado anteriormente, de que há uma analogia entre os pontos da reflexão teórica e a fala das professoras (MENDONÇA ET AL., 2020) – uma articulação entre o *olhar do investigador* na pesquisa da infância e o *olhar do professor* que trabalha nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E buscamos pontos convergentes e contrastantes entre o que as crianças nos apresentaram em campo e estes pontos.

1 As crianças mencionam vários pontos da rotina escolar permeados por música, em uma lógica de organização *pelos adultos*, seja para pontuar os horários, para repassar conteúdos em disciplinas como de Inglês, ou como recurso para preparação de apresentações em festas escolares. Esta consideração, por isso mesmo, parece ser contraditória ao que afirmam as professoras (que a escola permitiria tempos e espaços para múltiplas vivências musicais das crianças), pois em algumas delas há a evidente intervenção do adulto na marcação da rotina (pontuando os momentos de chegada, de recreio, de relaxamento). Este ponto confirma a ideia de que as “vinhetas musicais” (ROMANELLI, 2009a) se fazem presentes na escola; contudo, do ponto de vista das práticas das crianças, não fica clara a interação musical entre pares nas suas falas.

2 Boa parte das crianças admite que estuda música em outros momentos do seu dia a dia, em especial ligando este “estudo de música” ao aprendizado de instrumentos musicais³; mas não se pode saber se tais práticas correspondem ao ideal criativo descrito pelas professoras ao afirmarem que as práticas específicas com música ou com as outras artes no contraturno escolar oferecem possibilidades de maior expressividade, liberdade e criatividade musicais – o que traria a mesma impressão de Scarpellini (2013) e Cruz (2012) sobre o recreio como espaço singular da expressão musical.

3 Já a aula de Arte aparece como espaço da pluralidade: as crianças admitem que é ali que percebem verdadeiramente o espaço da música na escola. Sobre isso, as professoras entendem que a Arte tem o potencial de “mexer com as estruturas” da escola de viabilizar o acesso ao conhecimento especializado na área – diferentemente de aulas como a de Educação Física em que, a partir da fala das crianças, inferimos que a música é utilizada como recurso para o trabalho com outras questões, ou mesmo, para preparo de apresentações artísticas. Concordando com Ferreira que as crianças são seres que interagem com o meio social e ali

³ Ressaltamos que o acesso ao aprendizado de instrumentos musicais no contraturno não é uma realidade para todas as infâncias – em termos de grupos sociais e de oportunidades.

constroem relações (Ferreira, 2004), é possível que a aula de Arte seja um dos momentos mais alinhados ao ideal de expressividade e liberdade para criar música na rotina da escola.

4 Em contraposição a este ideal, as crianças têm uma clara percepção do tipo de música que “cabe” na escola. Embora demonstrem ter um gosto musical eclético e com forte influência de espaços de socialização como o contexto familiar, as crianças são enfáticas ao afirmar que grande parte da música de que gostam *não é tocada ou ouvida na escola*. Ilari (2013, p.56) afirma que a familiaridade é um dos elementos que determina o as preferências musicais; mas para que possam ter acesso a uma variedade de repertórios, elas “dependem de alguém que as exponha à música”, e que haja implicitamente o afeto nestas experiências musicais. Este é um ponto que nos chama a atenção: a disparidade entre um suposto acesso amplo e variedade a músicas de diferentes repertórios em casa, e a música que se faz na escola. Entendemos que resgatar este repertório possa ser parte de o que as professoras mencionaram em suas entrevistas como a necessidade de desenvolver um olhar para a expressão musical das crianças.

Ao final, questionamos: o que pode ser realizado em termos de formação inicial e continuada de professores com música para despertar um olhar e um ouvido atentos às manifestações musicais infantis? De que modo o período da pandemia implicou em mudanças nas relações das crianças com música na escola, em especial no recreio escolar? Seria possível afirmar que a música se faz presente de forma muito maior na rotina das crianças, mas que tais expressões fazem parte da maneira como elas significam o mundo, de modo a não perceberem a real presença da música em seu próprio universo? Uma hipótese que deixamos é de que música está tão imbricada nas culturais infantis que as crianças não chegam a percebê-la de maneira destacada do restante da realidade – em suas respostas, se referiram à música como uma “disciplina” escolar, sem perceber a sua onipresença no cotidiano.

A investigação da presença da música na escola é tema que não se esgota: partir de questionamentos e hipóteses como estes pode (e deve) viabilizar novas pesquisas.

Referências

CANOZI, Rodrigo A.; MADALOZZO, Tiago. As produções musicais espontâneas das crianças de dez anos: uma pesquisa etnográfica no Ensino Fundamental em Curitiba. In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESPAR, 6., 2020. *Caderno de Resumos*. Paranavaí: UNESPAR, 2020. p.211. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1_gkV7qBARE9oWEtjCb7wZQXJlLvOy_aF/view>. Acesso em: 08 ago. 2021.

CRUZ, Tânia M. Gênero e culturas infantis: os clubinhos da escola e as Trocinhas do Bom Retiro. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.38, n.1, p.63-78, 2012.

CULP, Mara; ROBISON, Tiger. Using online research methods to complete investigations with young children: suggestions for music practitioners and researchers. *International Journal of Music in Early Childhood*, v.15, n.2, p.157-182, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1386/ijmec_00019_1>. Acesso em: 08 ago. 2021.

FERREIRA, Maria Manuela M. “A gente gosta é de brincar com os outros meninos!”: relações sociais entre crianças num jardim de infância. Porto: Afrontamento, 2004.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ILARI, Beatriz S. *Música na infância e na adolescência: um livro para pais, professores e aficionados*. Curitiba: Intersaberes, 2013.

MARCHI, Rita de C. Pesquisa etnográfica com crianças: participação, voz e ética. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.43, n.2, p.727-746, abr./jun. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623668737>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

MENDONÇA, Amanda L.; SOCZEK, Luiz F.; CANOZI, Rodrigo A.; MADALOZZO, Tiago. Vinhetas musicais na escola: o lugar da música na rotina escolar das crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Curitiba. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2020. *Anais*. Associação Brasileira de Educação Musical, 2020, p.1-14. Disponível em: <<http://abem-submissoes.com.br/index.php/RegSul2020/sul/paper/viewFile/525/343>>. Acesso em: 08 ago. 2021.

MENDONÇA, Amanda L.; MADALOZZO, Tiago. Vinhetas musicais na escola: relato das práticas de crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental. In: ENCONTRO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNESPAR, 6., 2020. *Caderno de Resumos*. Paranavaí: UNESPAR, 2020. p.139. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1_gkV7qBARE9oWEtjCb7wZQXJlLvOy_aF/view>. Acesso em: 08 ago. 2021.

ROMANELLI, Guilherme. *A música que soa na escola: estudo etnográfico nas séries iniciais do ensino fundamental*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Curso de Pós-Graduação em Educação, Curitiba, 2009a.

_____. A música que soa nas escolas: contribuições de um estudo etnográfico. *Música em Perspectiva*, Curitiba, v.2, n.2, out 2009b, p.78-104.

SCARPELLINI, Máira A. *As crianças em suas relações com a música no recreio escolar*. 200f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Artes. Uberlândia, 2013.